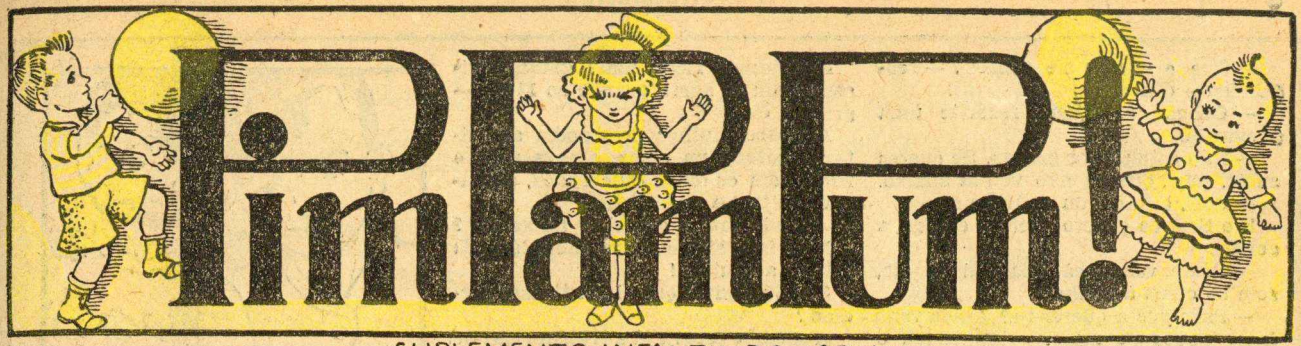
Ano XI — Lisboa, 30 de Janeiro de 1936 — N.º 523



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

CAPRICHOS da SORTE

POR ROSA SILVESTRE

— OLHA o 1141!

— «Está andar à roda!

«Quem quere a taluda!

«É o 1141!

O Chico gritava, com tôda a fôrça dos seus pulmões, e a sua vòsita parecía uma súplica desesperada:

— «Está a andar à roda!

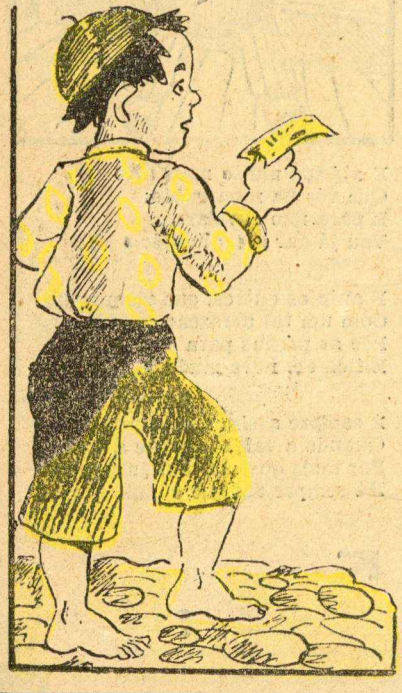
«É o 1141!

«É a última!

«Para acabar!

Mas ninguém lhe ligava importância. Passava muita gente; senhoras bem vestidas, homens e mulheres do povo, crianças da idade dele e era como se não o ouvissem. Nem para êle olhavam! Entretanto, o pobre Chico lá ia sempre repetindo:

— «É o 1141!



«Quem quere a sorte grande!

Já estava rouco de tanto gritar. Olhava para todos os lados, estendia o braço, oferecendo a cautela, a vêr se alguém se «tentava». Isso sim... Ninguém reparava nele!

De repente, como se lhe faltasse a coragem, encostou a testa à parede, amarrotou a cautela nas mãos, e começou a soluçar.

Muito grande devia ser o desgosto do Chico, para êle, que era tão corajoso, chorar assim. Se lhes parece!

A mãi doente e com uma pneumonia, e os irmãositos a pedir pão...

Desde que o pai morrera, nunca mais deixára de haver miséria naquela casa. Eram três — êle e mais dois pequenitos, um rapaz e uma garotinha, que passavam os dias, na rua, a brincar.

A mãi andava na fábrica mas nem sempre tinha trabalho. E o Chico não tivera outro remédio senão pôr-se, também, a trabalhar como um homem.

Que havia de fazer?

Pensou. Tornou a pensar. E resolveu vender jogo. A mãi lá arranjou o dinheiro para começar. E o negócio não tinha sido muito mau até aquele dia. Mas aquela cautela que ficára por vender, era um prejuizo enorme. Nunca lhe sucedera.

E logo havia de ser naquela ocasião em que a mãi estava tão mal, cheia de febre, sem poder sair da cama há mais duma semana!

Por isso o Chico chorava, coitadito...

Entretanto, um colega e rapazito da mesma idade — bateu-lhe no ombro. Era o Tónio, companheiro de trabalho e de brincadeiras.

— Então, que é isso? — disse ele.

— Deixa-me — respondeu o Chico, empurrando-o com o braço.

— Não queres dizer?

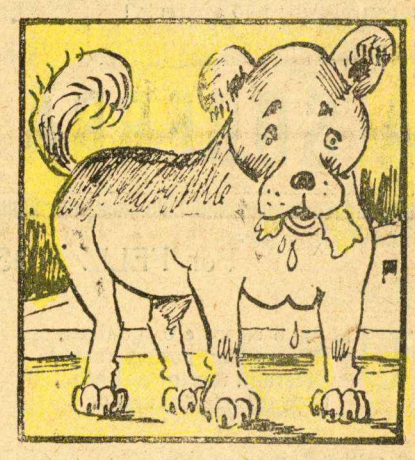
— Não vendi o jogo todo! Fiquei com uma cautela.

— É só por isso que tu choras? — preguntou o Tónio, que andava sempre alegre.

— Ainda achas pouco?

— Não tens mesmo coragem nenhuma! Vem daí comigo.

E lá foram os dois pela rua fóra, o Chico de mãos nas algibeiras e ca-



beça baixa; o Tónio a dizer-lhe com ares importantes:

— Pois, eu cá, vendi tudo. Se estiveres aflito, sempre te poderei dar uma ajuda.

Mas o Chico encolheu os ombros e nem lhe respondeu. Moravam os dois na mesma rua. Foram juntos até lá e o pobre Chico entrou em casa, tão tríste que nem teve coragem de ir beijar a mãi. Só quando ela o chamou é que êle se aproximou do leito e lhe contou a verdade. A mãi quís consolá-lo, mas nem sabia o que lhe havia de dizer.

Aquele prejuizo viera aumentar ainda mais a sua miséria E não havia em casa nem uma côdea de pão...

* * *

— Estás aí, Chico? — era o Tónio que o chamava lá de baixo, da porta da rua.

— Que é que tu me queres? — respondeu o Chico.

— Chega cá. Quero fazer-te uma pregunta.

— Não estou para graças. Se queres subir, sobe, que eu não vou lá abaixo.

— Pois, então, vou eu lá acima.

E o bom do garoto subiu a escada, a correr.

— Deixa ver a cautela — disse êle, com os olhos a brilhar.

— Para que a queres tu? Ainda vens fazer pouco de mim? — respondeu o Chico.

— Nada de palavreado; deixa ver a cautela — insistiu o Tónio.

O outro procurou na algibeira dos calções, onde a tinha guardado, mas não a encontrou.

— Procura, homem, procura! — repetia o Tónio, numa grande excitação.

— Se calhar, perdi-a! — disse o Chico, desanimado.

— Era só o que faltava! Lembras-te do número?

— Nunca mais me esquece aquele demónio azarento. Era o 1141.

— Bem me parecia! Procura a cautela, homem, que estás rico!

— Que estás tu para aí a dizer? Ainda vens fazer pouco de mim?

— Nem pouco, nem muito. Digo o que é: estás rico! O 1141 teve a taluda!

O Chico transfigurou-se. Não sabia se havia de rir, se havia de chorar. E a cautela que não aparecia!

— Estamos ricos, mãi! Estamos ricos! Saiu a sorte grande ao 1141! — gritava êle.

A pobre mulher nem podia acreditar. Sentada na cama, olhava para o filho, com os olhos esgaseados, a pensar que tinha endoidecido.

— Onde está a cautela? Deixa ver?

Mas, isso, sim, o Chico sabia lá onde estava a cautela!

Seria possível que ela se tivesse perdido?

A alegria estava já a transformar-se em desespêro, quando os dois irmãositos que andavam, como de costume, na rua, apareceram à porta. Vinha com êles o *Farrusco*, um cãosito ainda pequeno, que o Chico encontrara abandonado e trouxera para casa.

Ao vê-lo, o Chico correu para êle, com um pressentimento. O cãosito trazia na boca um papel amachucado.

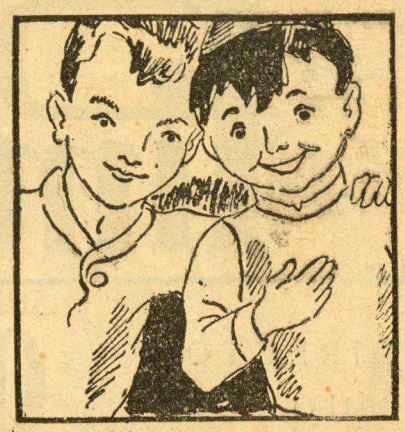
Seria a cautela?

E era, efectivamente. Caíra-lhe na escada, e o *Farrusco*, como era pequenino e tudo lhe servia para brincar, pegara-lhe ao subir.

— Cá está! Cá está o 1141! — gritava o Chico, beijando o cão.

E, sem esperar mais, saiu a correr, seguido pelo Tónio, tão contente como êle, enquanto a mãi, chamando os filhos mais novitos, que não tinham compreendido nada, lhes dizia:

— Dêem graças a Deus! Acabou-se a fome. Agora vão ter muito que comer!



E foi assim que um prejuizo se transformou em fortuna, para aquela pobre família.

O Tónio, como era de justiça, também teve o seu quinhão, para comprar um fato. É claro que o Chico nunca deixou de trabalhar. Os irmãos foram para a escola, mas êle continuou a vender cautelas e apregoava, tôdas as semanas:

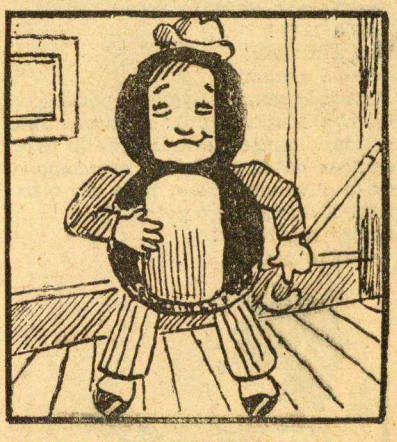
— Cá está o 1141! Quem quere a sorte grande! É o 1141!

E quando ficava alguma cautela por vender, guardava-a cuidadosamente, sem ficar aborrecido.

Quem sabe se não tornaria a sair a sorte grande no 1141?

A SOBERBA CASTIGADA

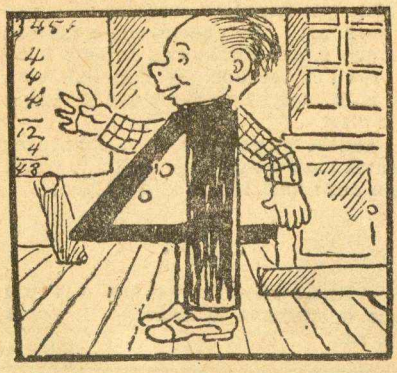
Por FELIZ COSTA VENTURA



UM dia o «oito» e o «quatro»,
Não sei bem porque razão,
Tiveram, muito exaltados,
Uma grande discussão.

O «oito», todo altaneiro,
Dizia com ufania:
— Até nos olhos me trazem
Por causa da miopia.»

Nas grandes confeitarias,
Também já sou afamado,
Por ser um «oito», o biscoito
É bastante procurado!...



Mas o «quatro» (que arrelia)
Diz ao «oito» com desdem:
«É tanta a sua nobreza
Que nem pergaminhos tem.

Eu pertenço a gente ilustre
Pois já reis acompanhei,
Não pense lá o amigo
Que venho de humilde grei.

E para não duvidar
Nem pensar que é zombaria,
Leia, atento, a nossa história:
Tem a quarta dinastia!

Não se quer' dar por vencido
O «oito», e diz irritado:
«Se você fôsse dos nobres
Não era tão malcriado.»

Nisto o «seis» que estava ao lado,
E que ouvira a discussão,
Acaba por declarar:
— «Nenhum dos dois tem razão.

Todos sois inferiores,
Ninguém nobreza vos deu.
Eu é que sou portentoso,
Quem tem nobreza sou eu.

E até sou muito mais alto
Que vós na numeração.
E para não duvidarem
Vou já dar a explicação.»

E ante os outros, que pasmavam
Com um tal arrazoado,
Põe as pernas para o ar
E fica em nove mudado.

É sempre assim que acontece
Quando a vaidade ergue a voz.
Por mais que alto nos julguemos
Há sempre um que é mais que nós.

FIM

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

POR ABELHA MESTRA

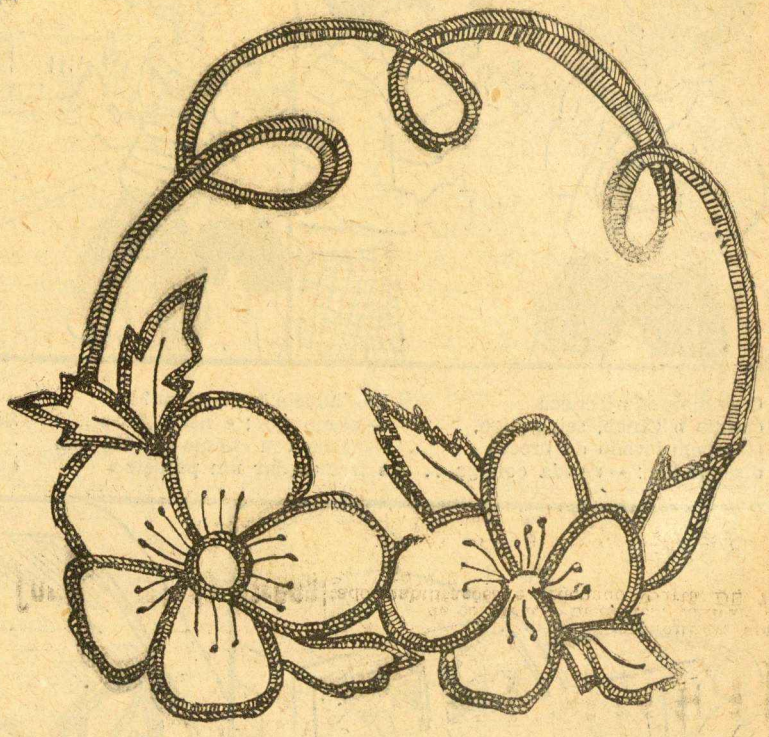
Minhas Abelhinhas.

VAMOS fazer êste trabalhinho, tão alegre nas suas cores berrantes, um engraçado *napperon* de papoulas, que vos há-de fazer pensar nas lindas flores encarnadas que adornam os campos na primavera.

Há-de até parecer-vos ter lá ido colher essas!

A linda quadra já não vem muito longe, mais dois meses e já poderemos ir colhê-las e enfeitar as nossas casas.

Vereis, então, como, sob uma garrida jarra de papoulas, se há-de harmonisar bem o pequenino *napperon* que hoje vos trago.



Para elas, as alegres flores, escolherão uma *filoselle* de côr vermelha viva. Bordarão os estames em preto e aplicarão a côr verde para as fôlhas e tronco.

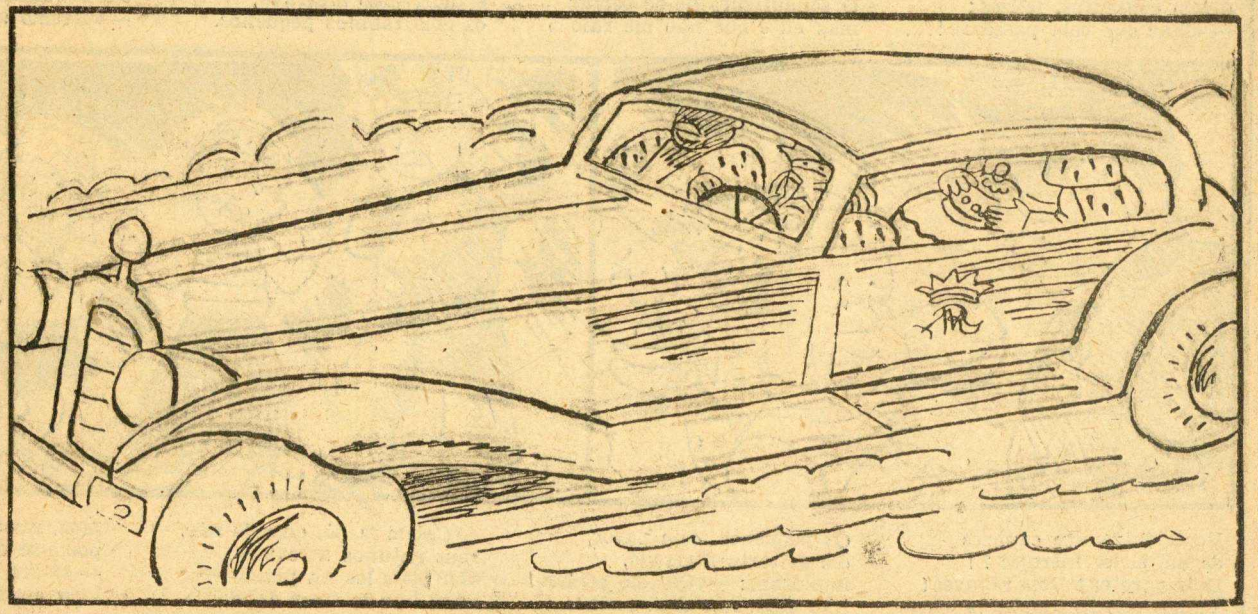
Todo o trabalho deve ser executado em ponto de recorte, excepto os estames, que farão em ponto pé de flor, com um nòzinho a terminá-los.

Lindo trabalhinho êste que até vos lembrará a primavera

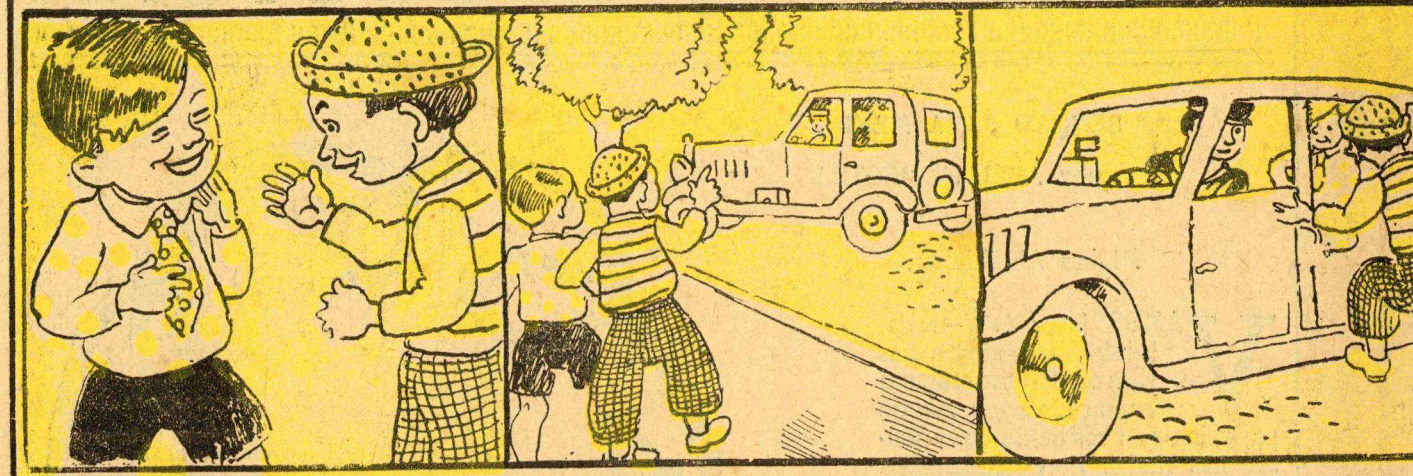
A todas abraça a vossa amiguinha

Abelha Mestra.

PARA OS MENINOS COLORIREM



AVENTURAS DE CHICO E

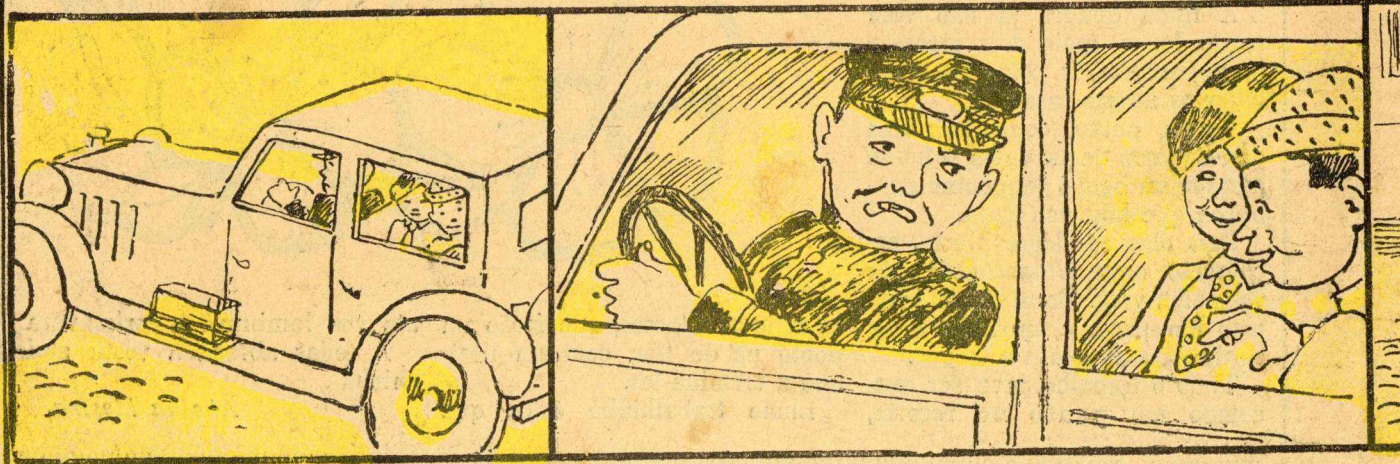


O endiabrado Toneca
chama o Chico, seu amigo,
(também levado da breca)
dizendo-lhe: — «Anda comigo,..

Vês aquele taxi, além?»
— «Vejo sim; e nada feio.»
— «Pois vou chama-lo; êle vem
e iremos dar um passeio.»

— «Dar um passeio? Estás louco?
Sem *massas* para pagar!»
— «Não te rales por tão pouco
que tudo se há-de arranjar...

Com um dedo levantado
Logo Tonecas audaz,
sobranceiro e aprumado
exclama: — «Pist! Ó ra

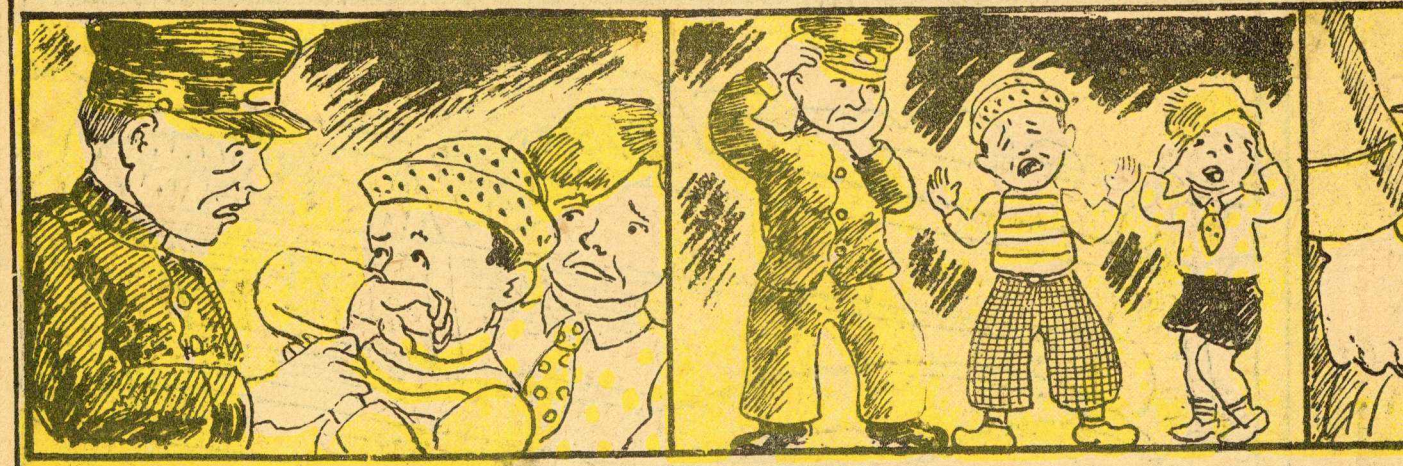


Radiantes, os petizes
em alegre conversata,
dizem contentes, felizes:
— «Mas que bela passeata!...

Tornaremos a bisar
esta pândega de estalo!
O «chauffeur» há-de berrar
mas eu é que não me ralo!»

O taxímetro marcava
trinta escudos, nada menos,
e tudo, tudo alegrava,
os dois rabinos pequenos.

Mas nisto o «chauffer»,
logo indaga; — «Onde fic
diz o Tonecas, còrando:
— «Mesmo aqui nos apea



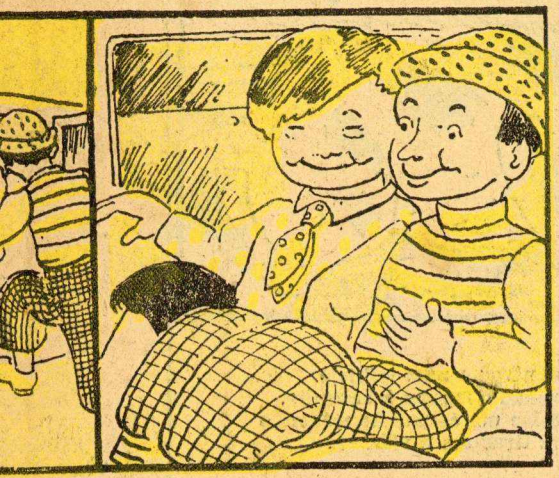
Vocês julgam-se capazes
de me poder intrujar?!
Dois garotos! Dois rapazes!
Vamos contas ajustar!»

Os pequenos, com pavôr,
em gritaria aterrada,
imploram: — «Qu'rido senhor!
Não diga, não diga nada!»

— Calem-se já, quando não,
seus gatunos atrevidos,
vou mete-los na prisão
onde hão-de ficar detidos!»

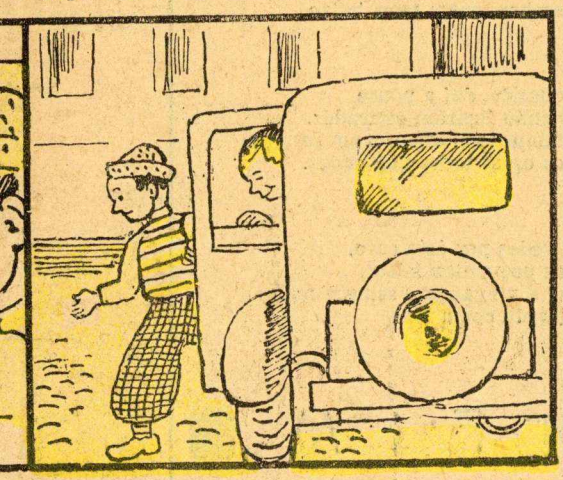
Mas, num grande desa
põem-se os dois a berr
— «Móro na rua do Ra
lado esquerdo, quarto

E TONECA



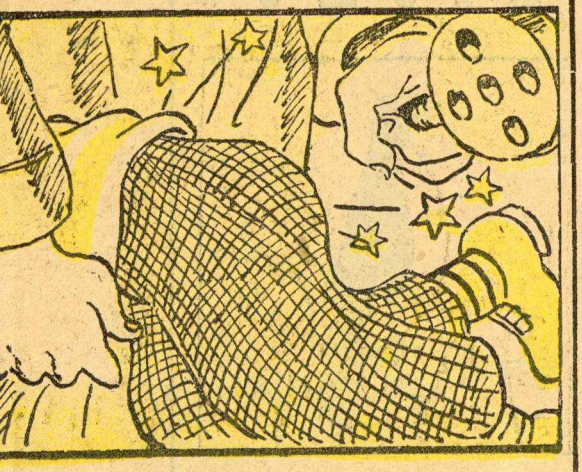
ntado,
laz,
umado,
ó rapaz!...»

Põe-se o carro em movimento...
Passam casas e postigos...
É grande o contentamento
dos dois patetas amigos...



fer», parando,
de ficamos ?»
ndo:
apeamos!»

De face alegre e louçã,
descem os dois, e o Toneca,
exclama: — «Pago àmanhã!»
Grita o «chauffeur»: — «Com a breca!



desacato,
berrar:
do Rato,
uarto andar...»

Pois meninos: nessa noite,
os dois heróis desta história,
apanharam tanto açoite,
que lhes ficou na memória...

O DESASTRE

POR LEONOR DE CAMPOS

— «GILBERTO: cuidado com os carros!» — recomendava a mãi, tôdas as manhãs. E, invariàvelmente, acrescentava:

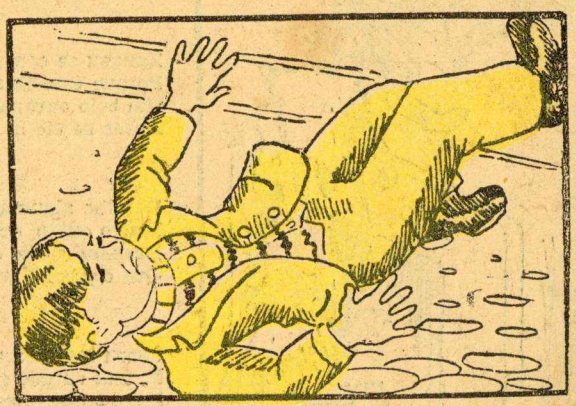
— «Quando atravessares a rua, olha para um e outro lado e não subas nem desças para os carros em andamento...»

Mas o Gilberto, um rapazão de 12 anos, que parecia ter 15, por ser tão alto e tão forte, encolhia os ombros com uma pontinha de impaciência e resmungava:

— «Se eu fizesse o que a mãi quere, ficava um bom *mariquinhas*...»

— «Mas, meu filho, eu só quero o teu bem. Ser prudente, não é ser efeminado. Porisso te recomendo que te acauteles, para que nenhum perigo te suceda...»

— «Cauteloso sou eu, minha mãi. E tanto que já tenho subido e descido muitas vezes com o electrico em andamento e nunca me sucedeu mal algum!...»



— «O quê? Então tu, depois de eu ter proíbido terminantemente essas ginásticas disparatadas, continuas a fazê-las?»

— «Mas é só quando tenho muito pressa!...»

— «Seja como fôr. Não consinto que tornes a fazê-lo...»

Inúmeras vezes, com pequenas variantes, estas cênas se repetiam. Mas o Gilberto, teimoso, fazia *ouvidos de mercador* às proíbições da mãi e continuava a desobedecer-lhe.

Ora, certo dia, o Gilberto demorou um pouco mais a vestir-se e, no receio de chegar tarde ao liceu, enguliu à pressa o almôço, desceu a escada a correr, a correr atravessou a rua e foi postar-se na paragem, à espera do electrico.

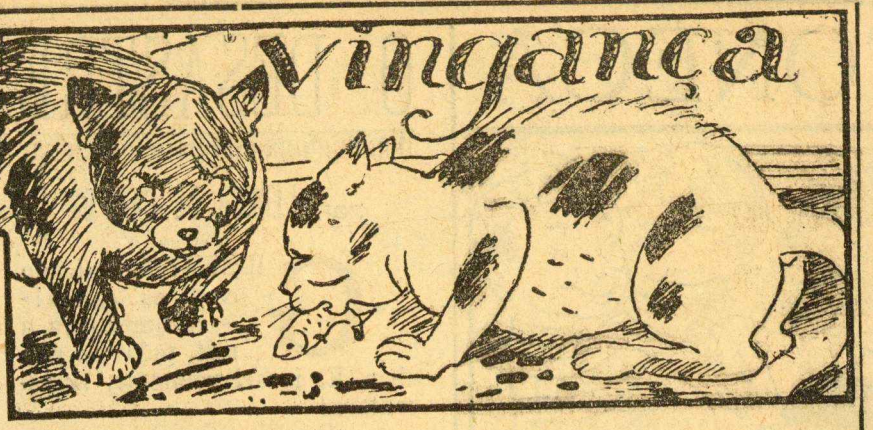
Porque — diga-se de passagem — o Gilberto é um excelente estudante, muito estudioso e cumpridor dos seus deveres.

Nisto, aparece o carro. Para não perder tempo, o Gilberto nem o mandou parar. De um salto, enfiou-se na plataforma. Orgulhoso com a proêsa, olhou em volta de si, a ver se algum dos passageiros teria admirado a sua agilidade. Mas ficou um pouco desapontado... Ninguém reparara nele!...

— «Deixá-lo — disse para consigo. — Não deram conta, agora, mas quando eu descer...»

(Continúa na página 8)

A vingança



POR FRANCISCO VENTURA

MENINOS, se alguém, um dia,
Em frente de vós disser
Que a vingança é coisa boa,
Que todos devem fazer,

Voltai-lhe, depressa, as costas,
Não ouçais tão grande horror.
A vingança é sempre má
Seja ela como fôr.

Senão ouvi: Certo dia
Um gato, de instintos maus,
Que comia passarinhos
Soltando alegres miáus,

Zangou-se com outro gato,
Porque êste fôra apanhar
Um belo carapau fresco,
Antes de êle lá chegar.

Deu-lhe algumas sapatadas
Mas o outro, que era forte,
Respondeu-lhe com tal sova
Que o pôs às portas da morte.

Jurou logo o mau vingar-se
E, mal curado se achou,
Logo o outro, sem demora,
Com cautela procurou.

Encontrou-o num telhado
E, vendo-o mesmo à beirinha,
Deu-lhe um empurrão medonho
Para tirar-lhe a vidinha.

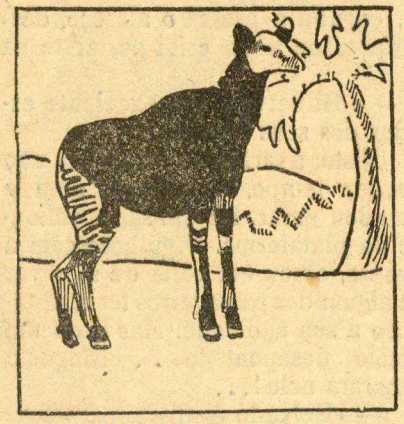
Mas o outro com o mêdo
— Êle há coisas do diacho! —
Agarrou-o pelo rabo
E ambos foram para baixo.

E quando, daí a pouco,
No chão ficaram estirados.
Tinham todo o corpo em sangue
E os ossos todos quebrados.

Já vedes por êste caso,
Meu pequenino leitor,
Que a vingança é sempre má
Seja ela como fôr.

■ FIM ■

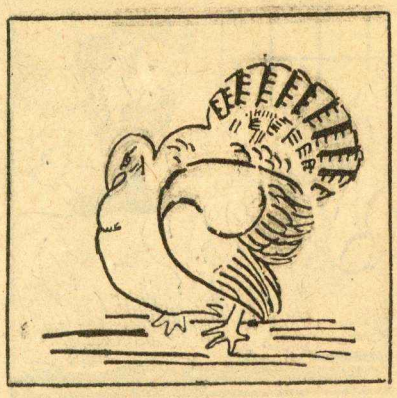
CONCURSO DOS BICHOS

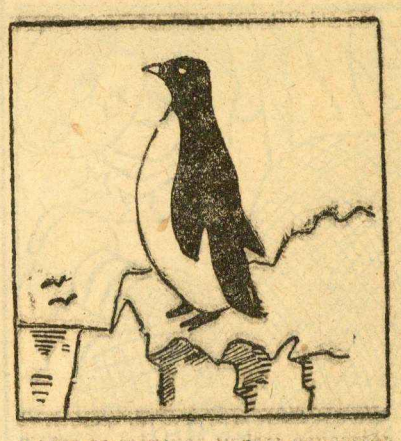


Afinal, o concurso é mais difícil do que nós julgavamos. *Por isso, a única condição passa a ser adivinhar os 40 bicharocos.*

Já não é preciso fazer quaisquer referências à vida de cada animal;

As cadernetas, feitas pelos meninos, devem ser enviadas à redacção do *Pim-Pam-Pum* Rua do Século, 43, e serão restituidas, após a sua apreciação pelo júri, no caso de serem reclamadas no prazo de 8 dias,





Todos os meninos podem concorrer. Tem sido cá uma bicha de cartas e bilhetes postais a pedir informações! Não lhes digo mais nada, por hoje.

Até breve!

O REMORSO DA ROSITA

POR GRACIETTE BRANCO

TODA a tarde a lambareira Rosita andara a rondar a copa, onde a criada guardara uma grande travessa de sonhos, que a avó mandara de manhã.

Rosita era boa menina, tinha bom coração, era bonita de cara, asseada e inteligente mas tinha um grande defeito: — ser muito lambareira.

A Mãi já conhecia o triste defeito da filha e, por isso, fechara a sete chaves a portinha da copa.

Mas, como era dia de maior movimento em casa. por fazer anos o Pai de Rosita, a Mãi entregou o molho de chaves à criada, que, por sua vez, o deixou na porta, teimosamente vigiada por Rosita.

Grande alegria sentiu a lambareira, quando viu a copa à sua mercê e, abrindo a porta com mil cautelas, entrou, comendo quási todos os sonhos, fofos e loirinhos, que eram mesmo um regalo.

Á hora do jantar, na altura dos sonhos, chega a criada, dizendo, em voz baixa, à patrôa, que, na travessa, apenas restavam quatro sonhos. Embora a criada tivesse falado em voz baixa,

todos ouviram e logo os olhares convergiram para a pequenita.

Corando até à raiz dos cabelos, exclamou prontamente:

— «Olhe, Mãi: foi, com certeza, o atrevido do Tareco, que eu vi saír da copa, todo lambuzado de açúcar.»

— «Ah, sim?! — exclamou a mãi. Pois, então, tragam-me o Tareco e um saco bastante grande e digam à cozinheira que vá deitá-lo ao rio.»

A criada, fingindo acreditar, trouxe o pobre gatinho mas, enquanto todos contemplavam silenciosamente a cêna, Rosita rompeu num chôro convulsivo, gritando angustiosamente:

— «Não, Mãi, não! Solta o Tareco! Fui eu e só eu, mas vou emendar-me e hei-de deixar de ser a feia lambareira que tenho sido.»

Absolvida pela Mãi e pelos presentes, foi afagar o gatinho, vindo a tornar-se, de facto, a menina ajuizada que prometera ser.

UMA LIÇÃO DE CIÊNCIAS

POR MANUEL FERREIRA

(Continuado do número anterior)

— «Não, de capelo . E' chamada assim por causa dum manto que parece ter. Também lhe chamam cobra de óculos porque tem duas manchas que parecem um par de óculos. Assim que morde, mata instantaneamente.

— «O lince é afamado pelo seu olhar. Parece um cão. O tatú é muito interessante porque está coberto de escamas. O ornitorinco tem quatro patas, bico de pato e põe óvos.»

— «Que engraçado.» — comentou Alfredo.

— «E é... Há uma ave linda que é a poupa, assim como no interior da Africa há um animal, chamado gnu, ou boi-cavalo...»

— «Que nome...» — observou o João.

— «Tem o corpo de cavalo e uma armação como a dos bois. O okapi é preto com umas malhas muito lindas nas pernas.»

— «Mas há animais que são muito bonitos, para a vista.» — arriscou o Alfredo.

— «Há. O veado, o porco-espinho, por exemplo. E os macacos, que cómicos são!...

Na passarada temos alcatorda, o pica-peixe, o pinguim que é tão engraçado. Todos êstes estão perto da água. E temos ainda o flamingo, de pescoço e patas muito altas, a ave-lira, que tem uma plumágem lindissima e o calá o que parece ter um barrete de entrudo.»

Os rapazes riram-se e disseram-me:

— «Obrigado pela tua lição. Fique certo de que não no esquecemos dela...»

Eu retorqui:

— «Já que vocês se interessam tanto, tomem parte no concurso dos bichos do «Pim-Pam-Pum»...»

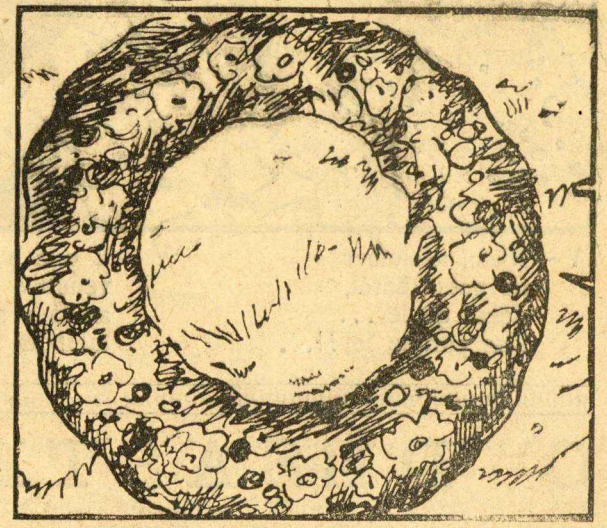
— «Se calhar é difícil» — arriscou o João.

— «Qual difícil! Todos os bichos que lá estão são aquêles em que eu agora lhes falei.»

E lá se fôram embora, todos contentes por poderem concorrer a um concurso tão interessante e instrutivo.

FIM

ADIVINHA



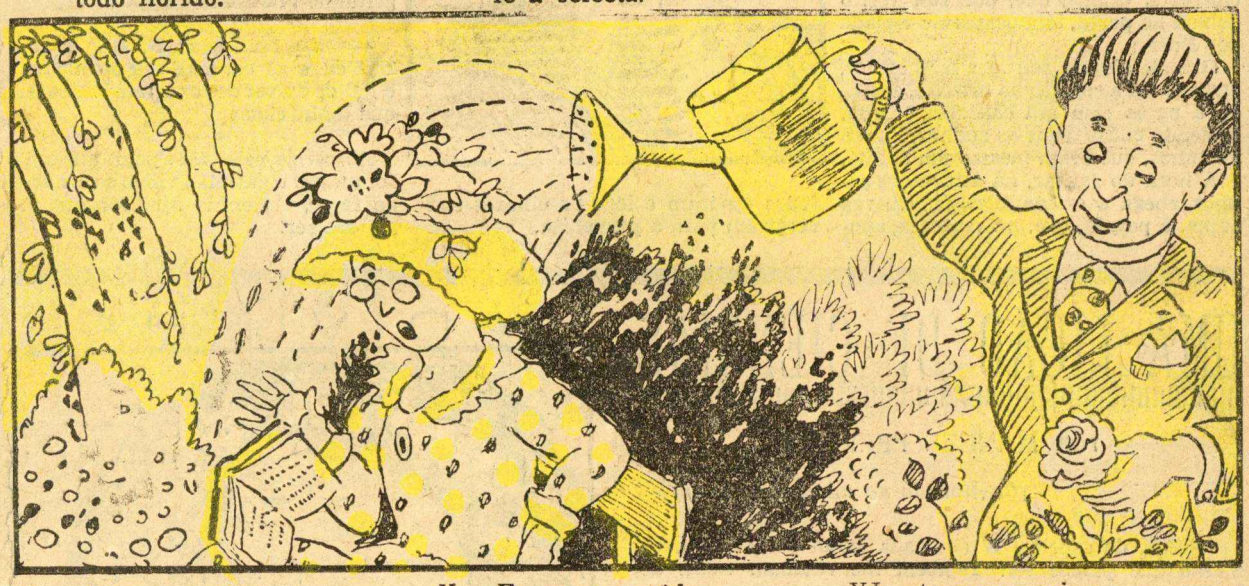
Meus meninos: — Vejam se descobrem o menino guloso que se êsta preparando para comer este bolo rei.

Zé distraído jardineiro

I — Certa manhã,
Zé Distraído
rega o quintal
todo florido.

II — Entanto, a esposa,
com chapeleta
engrinaldada,
lê a selecta.

III — Rega que rega,
o regador
vai voltejando
de flôr em flôr...



IV — Nisto, a mulher
do nosso herói,
deixa de ler...
Mas porque foi?!...

V — E que o marido,
vendo o chapéu,
ao lado seu,
também florido,

VI — tomou o quico
— (é natural!) —
por um canteiro
do seu quintal.

O DESASTRE

(Continuado da página 5)

Aproximava-se a paragem em que o Gilberto costumava descer.

Emproado e com um sorriso superior, o rapaz atravessou o carro até à plataforma da frente, abriu e fechou com fôrça a portinhola. Desceu ao estribo. E, ao passar em frente da paragem, atirou-se do carro. Mas, porque o electrico levava grande velocidade, Gilberto não conseguiu equilibrar-se, como de costume. E... trr... escorregou, caiu... e perdeu os sentidos. Levaram-no para o hospital. Tinha partido uma perna.

Três meses esteve Gilberto no hospital. E quando se levantou, ainda bastante côxo, declarou um dia a sua mãi:

— «Garanto-lhe, mãizinha, que nunca, nunca mais tornarei a desobedecer-lhe. Afinal, que lucrei eu com a desobediência? Parti a perna, perdi o ano por faltas, afligi-me e afligi a minha querida mãi!... Perdôa-me, sim? Não torno!...»

F I M